

Turbulência é momentânea, diz Malan

■ Ministro prepara-se para rever acordos com FMI, defende a definição de uma meta para a inflação e aposta em crescimento ainda em 99

CLODIA SAFATLE

BRASÍLIA - A renegociação do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que começa hoje com a reunião da equipe econômica e a missão técnica do FMI, tem dois focos novos. Primeiro, será preciso acertar as novas metas macroeconômicas para que o Brasil tenha acesso à segunda parcela, de US\$ 9 bilhões, do pacote de ajuda financeira ao Brasil. Em segundo lugar, começará uma discussão de política econômica com um ângulo inovador: a definição de metas para a inflação (*inflation targeting*). Ou seja, todos os demais instrumentos de política econômica (juros, câmbio, salários e fiscal) passam a se subordinar ao ob-

jetivo de se obter uma determinada taxa de inflação.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, informou que essa política de fixação de metas de inflação faz parte das conversas do governo brasileiro com o Departamento do Tesouro Americano e com o FMI. Ela pode se concretizar tanto pela projeção de uma taxa fixa para um determinado período, como por um sistema de bandas dentro da qual a inflação tenha que se situar.

Transição - "Estamos pensando nisso não para o curto, mas para o médio prazo. Não há uma receita única, temos que ver como se faz a transição do regime de hoje para essa política". Malan ponderou que não é uma alteração "trivial" e informou que nesse sis-

tema de meta de inflação, tanto a taxa de juros quanto a flutuação da taxa de câmbio passam a obedecer ao objetivo do governo de obter a inflação pré-determinada.

Segundo Malan, seguir por esse caminho, que é uma opção política, significa a completa negação de um regime de *currency board*, conselho da moeda que acompanha um plano de conversibilidade da moeda doméstica pelo dólar, como existe na Argentina.

Fischer - A missão técnica do Fundo, que chegou ao Brasil ontem, é chefiada pela economista Teresa Ter-Menissian. Mas é provável que o vice-diretor gerente do FMI, Stanley Fischer, venha ao Brasil nesta semana. Fischer é tido como mais flexível do

que a técnica do Fundo, que gosta de recomendar sempre uma elevação da taxa de juros.

O ministro ri e diz que não tem cabimento a impressão de que, hoje, os maiores empecilhos para baixar as taxas de juros no Brasil sejam o Fundo Monetário e o Departamento do Tesouro Americano e nega a informação de que ambas as instituições tenham recomendado ao governo brasileiro elevar os juros para a casa dos 70% ao ano.

Ele insiste que os juros vão cair tão logo as coisas fiquem estáveis. E concorda que, para o mercado de câmbio encontrar uma desvalorização do real razoável, é preciso a recuperação de credibilidade do governo no exterior

mas, sobretudo, no país.

Confiança - Como reconquistar essa confiança? Malan acha que é preciso mostrar ao país que essa turbulência é momentânea, que é preciso olhar meses e anos à frente e que já no fim deste ano a economia estará crescendo. E, obviamente, não fazer bobagens.

"Enquanto eu estiver aqui, não haverá pirotecnicias", afirma Malan. Com isso, garante que não haverá centralização do câmbio no Banco Central (que equivale ao país dizer aos credores externos que está em concordata, às vésperas de uma moratória). Não haveria também calote na dívida interna, seja com confisco de poupança financeira nos moldes do Plano Collor

ou algo mais sutil. E não haverá, segundo o ministro, qualquer iniciativa de controle de câmbio, por mais localizada que seja.

"Isso é uma quimera. Você fecha uma janela, o mercado descobre outra. É fonte de corrupção. Aliás, controle cambial é outro nome para um regime de centralização e isso é maluquice", descarta. Malan completa: "É uma decisão de nos desligarmos do resto do mundo. Pode até ser uma opção, mas precisaria ser uma opção política tendo o país plena consciência de suas consequências". Uma primeira consequência, avalia, seria o país perder uns US\$ 20 bilhões por ano de investimentos diretos de estrangeiros no setor produtivo do país.



Malan diz que juros vão cair tão logo a situação se estabilize, o que virá com a recuperação da confiança